

O kuduro como espaço de resistência linguística do português d'Angola: Angolês

Makosa Tomás David¹

RESUMO:

O kuduro, como estilo musical e de dança, serve como uma importante manifestação cultural e identitária, ocupando um espaço relevante na vida social e cultural de Angola. Seu desenvolvimento e destaque estão profundamente conectados à história recente do país, caracterizada por conflitos, mudanças socioeconômicas e a evolução do português d'Angola. A partir disso procuro analisar e compreender como o kuduro contribui como espaço de resistência linguística do português d'Angola/Angolês. Para isso, adoto uma abordagem qualitativa e incorporo aspectos etnográficos para analisar como o kuduro contribui na valorização dessa língua. O corpus foi selecionado com base em critérios de relevância e representatividade, incluindo músicas que apresentam uma clara utilização do português de Angola. As músicas analisadas são "De Faya" do grupo Xtrubantu e Telma Lee, "Tala" do Elenco do Rangel, e "Bico dos FAA" dos kuduristas DJ Naile, Pockey Cy e Pé Do Galo. Onde colete expressões e frases que fazem parte do português de Angola. As conclusões apontam que as palavras e expressões do português d'Angola estão presentes no kuduro desde sempre. Ao passo que os séculos passam, esse estilo de música vai servir como uma forma de resistência cultural, mantendo vivas as tradições e as identidades linguísticas através da música.

PALAVRAS-CHAVE: Kuduro. Angolês. Música. Resistência. Valorização. Etnográfico

INTRODUÇÃO

O kuduro é um estilo de dança e música que emergiu em Luanda, Angola, nos anos 90 (TOMÁS, 2013), e rapidamente se espalhou para Portugal e, posteriormente, para o Brasil, graças às conexões mantidas pelos imigrantes angolanos com seu país de origem.

Inicialmente surgido como uma forma de dança. O kuduro logo se associou a um ritmo musical específico, produzido com o auxílio de programas de computador. As primeiras músicas, conhecidas como "batidas" em Luanda, eram caracterizadas pela rapidez rítmica e pela

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens da Universidade Federal do Sul da Bahia e bolsista de Iniciação Científica. E-mail: davidmakosa929@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0659-971X>.

natureza improvisada da montagem. No começo, o kuduro foi fortemente influenciado pelas batidas techno e house, mas logo evoluiu para uma vertente mais instrumental, destacando a importância do DJ e dançarinos, envolvendo principalmente adolescentes e jovens (MARCON, 2011; 2013; FARIA, 2018).

Já na primeira década do século XXI, a digitalização da música transformou profundamente tanto o consumo quanto a produção musical. Com a proliferação de dispositivos móveis como celulares e tocadores de mp3, mesmo em um cenário de escassez, a música digital tornou-se amplamente acessível em Luanda (MARCON, 2011; 2013). Faria (2018) explica que, com o tempo, o kuduro transcendeu as fronteiras angolanas se tornando uma referência musical tanto dentro quanto fora do país. Este processo de difusão foi facilitado pela imigração, programas de televisão e pela internet.

Além de seu impacto no cenário da música global, o kuduro representa um espaço de resistência linguística, onde a juventude angolana incorpora elementos do português d'Angola que desafiam a ideia de uma língua padrão, para valorizarem as diferentes formas de se falar.

De que maneira o kuduro, como manifestação cultural e linguística, serve como espaço de resistência linguística do português de Angola/Angolês, e como isso contribui para a valorização dessa língua dentro e fora de Angola?

Ao explorar essa questão, busca-se compreender e analisar como o kuduro, enquanto prática cultural e linguística, contribui como um espaço de resistência linguística do português d'Angola/Angolês. A partir disso procura-se: examinar as expressões e frases do português de Angola presentes nas músicas selecionadas, avaliar como essas expressões contribuem para a construção de uma identidade cultural e linguística; e desconstruir, a partir de uma visão decolonial, a ideologia em torno da língua certa e errada vinculada ao pensamento colonial no ensino de língua. Como corpus analisado utilizo as músicas "De Faya" do grupo Xtrubantu e Telma Lee, "Tala" do Elenco do Rangel, e "Bico dos FAA" dos kuduristas DJ Naile, Pockey Cy e Pé Do Galo.

Este estudo é relevante por diversas razões. Primeiro, ele contribui para a valorização do português de Angola, uma língua que muitas vezes é marginalizada ou vista como incorreta. Segundo, ao analisar o kuduro, uma manifestação cultural popular e significativa em Angola, o estudo lança luz sobre como a música pode servir como um veículo para a resistência linguística e cultural. Por fim, ao adotar uma perspectiva decolonial, a pesquisa desafia as noções

tradicionais de correção linguística, promovendo uma visão mais inclusiva e respeitosa das diversas formas de expressão linguística.

1.1. KUDURO COMO EXPRESSÃO CULTURAL E IDENTITÁRIO

Após a independência d'Angola em 1975, o país mergulhou em uma prolongada guerra civil que se estendeu até 2002. Esse período de conflito teve um impacto profundo na sociedade angolana, afetando sua educação, habitação e acentuando desigualdades sociais e econômicas. A guerra civil entre o MPLA e a UNITA, provocada pelas influências externas, causou deslocamentos massivos e forçou a população a buscar refúgio e melhores condições de vida, tanto internamente quanto no exterior.

Dentro desse cenário de conflitos, o kuduro surge como uma resposta criativa e cultural às adversidades vividas pela população. Ele surge nos bairros de Luanda, conhecidos como musseque/bandula, onde as condições de vida são precárias, mas onde também floresce uma rica efervescência cultural (BRINGEL, 1998; MOORMAN, 2014). Os jovens, especialmente, encontram no kuduro uma forma de expressão que juntam as influências culturais angolanas com ritmos e tecnologias musicais modernas, como o techno e o house, assim como aborda Faria (2018).

Enquanto um estilo musical e de dança, o kuduro traz expressão cultural e identitária, ocupando assim um espaço significativo na paisagem social e cultural de Angola. Sua evolução está ligada à história do país, marcada por conflitos e transformações socioeconômicas. Surgido nos anos de 1980 e 1990, em um contexto de pós-guerra civil e reconstrução nacional (TOMÁS, 2013), o kuduro vai além de uma simples manifestação musical que incorpora elementos de resistência, resiliência e identidade nacional.

Não podemos só olhar o kuduro como uma forma de entretenimento, mas sim também como uma ferramenta de identidade e resistência (HALL, 1998; MARCON, 2011; FARIA, 2018), pois para muitos angolanos representa a capacidade de superar a adversidade e de afirmar uma identidade nacional vibrante e contemporânea. Mesmo com as contínuas desigualdades e desafios socioeconômicos, o kuduro simboliza uma Angola que está em constante movimento e evolução (CAIO, 2013). Servindo como um meio para corporalizar os traumas do passado quanto as aspirações de um futuro melhor, oferecendo uma forma de expressão coletiva através da música e da dança.

As letras das músicas de kuduro, frequentemente, abordam temas cotidianos, problemas sociais e a vida nas periferias d'Angola.

A identificação com as comunidades ou musseques onde vivem - muitas vezes o pano de fundo para seus videoclipes -, é fundamental para os kuduristas. São diversas as menções a eles, assim como as disputas em torno de quem seriam seus legítimos defensores e representantes. Esses elementos são reelaborados em algumas letras de suas músicas, assim, a título de exemplo, enquanto Nagrelha (autodenominado “Estado Maior do Kuduro”) entoia “Sou nascido e crescido no gueto [...] Sambizanga, meu patrimônio, minha riqueza”, Bruno M, canta “Os Combatentes será sempre minha fortaleza urbana. A voz é o maior meio de expressão humana” (FARIA, 2018, p. 37).

Ao trazer essas questões para o primeiro plano, o kuduro oferece uma voz para os marginalizados e cria uma forma de diálogo sobre os desafios enfrentados pela sociedade angolana. Esse aspecto torna o kuduro não apenas uma forma de entretenimento, mas um movimento social que busca mudanças e reconhecimento. E quando se narra essas histórias, os kuduristas criam um registro cultural e histórico que é ao mesmo tempo, específico e universal.

As referências às tradições angolanas, como o Semba e a kizomba, misturadas com ritmos eletrônicos modernos (MARCON, 2011; MOORMAN, 2014; FARIA, 2018), demonstram uma continuidade cultural que conecta o passado ao presente.

As atuações de kuduro são intensamente físicas e energéticas, refletindo a vivacidade e a resiliência do povo angolano (FARIA, 2018). A dança do kuduro, caracterizada por movimentos rápidos e vigorosos, muitas vezes lembra a luta e a resistência, simbolizando a superação das dificuldades enfrentadas. Além disso, os trajes e adereços usados pelos artistas durante as atuações muitas vezes incorporam elementos tradicionais angolanos, reafirmando visivelmente a identidade cultural.

Em um mundo cada vez mais globalizado, onde a homogeneização cultural ameaça a diversidade (MACHADO, 1994; AGIER, 2001; MARCON, 2011), o kuduro emerge como um forte símbolo de resistência cultural. Mantendo e promovendo características únicas da cultura angolana, desafiando tendências globais que tendem a uniformizar as expressões culturais. Enquanto muitos gêneros musicais são influenciados por tendências globais, o kuduro mantém uma forte ligação com suas raízes angolanas.

As letras frequentemente cantadas em português d'Angola e nas línguas locais, juntamente com referências culturais específicas, ajudam a preservar a identidade angolana.

Mesmo quando é utilizada as tecnologias e influências externas, acaba sendo adaptado esses elementos para refletir a experiência e a cultura local.

O kuduro é amplamente produzido e distribuído de forma independente, muitas vezes fora dos grandes circuitos comerciais internacionais (ROSALES, 2009; MARTIN, 2008). Isso permite uma maior liberdade criativa e a preservação de um estilo que é autêntico e representativo das realidades angolanas. Como já dito, a música é criada nos bairros de Angola e sua distribuição é feita através de redes locais, mantendo o controle nas mãos dos próprios criadores (FARIA, 2018).

O kuduro resiste à cultura global ao celebrar a particularidade e a singularidade da experiência angolana. Em vez de ceder às pressões para se conformar a um padrão global (CANCLINI, 2007), os artistas de kuduro utilizam sua plataforma para afirmar a importância da diversidade cultural. Esta resistência é crucial para manter viva a herança cultural angolana em um mundo dominado por influências culturais homogêneas.

Mesmo com a crescente popularidade internacional do kuduro, os artistas angolanos conseguem manter sua identidade cultural intacta (MARCON e TOMÁS, 2012). Eles exportam um som que é distintamente angolano, permitindo que o mundo veja e aprecie a riqueza cultural do país. Essa exportação cultural não dilui a essência do kuduro; pelo contrário, ela amplia o reconhecimento internacional da cultura angolana, fortalecendo ainda mais sua identidade.

1.2. KUDURO – UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA LINGUÍSTICA E DE VALORIZAÇÃO DO PORTUGUÊS ANGOLANO

A diversidade linguística de Angola é composta por múltiplas línguas que refletem a comunidade angolana, constituindo assim uma das principais identidades do povo (BERNARDO, 2017). Esta realidade linguística é mais do que uma adoção da Língua Portuguesa como uma língua oficial.

É válido ressaltar que, com a expansão da Língua Portuguesa em Angola, o português falado em Angola emerge do contato entre o português europeu e as línguas locais, integrando assim expressões culturais distintas (DAVID e NASCIMENTO, 2023; NASCIMENTO e JOSÉ, 2023). Esse processo dá à língua uma identidade única e legítima.

O português d'Angola ou Angolês, como alguns linguistas angolanos denominam, transcende a simples comunicação; ele representa uma afirmação da identidade linguística e da

resistência cultural das comunidades angolanas. Sendo a língua um elemento fundamental na identidade cultural, com ela se juntam povos (BERNARDO, 2017 apud DAVID, 2023, p. 10). Fanon (2008, apud DAVID, 2023) defende que, “quando o homem possui uma linguagem, leva consigo o mundo de significados e culturas que os representa”.

No estilo musical kuduro, a língua desempenha um papel fundamental. Os kuduristas usam o português de Angola não apenas como meio de comunicação, mas também como uma ferramenta de afirmação identitária. As línguas nacionais (kimbundu, Umbundu, Kikongo e outras) incorporadas no português de Angola são elas que deram essa típica forma de se falar esse português.

O kuduro, ao incorporar o português d'Angola em suas letras, atua como uma forma de resistência contra a homogeneização linguística. Esse movimento não só celebra a diversidade linguística de Angola, mas também desafia as normas linguísticas impostas pelo colonialismo e pela globalização.

Não se pode homogeneizar e nem padronizar a língua como se existisse uma única forma de falar uma língua (NASCIMENTO e JOSÉ, 2023), pois até o português europeu passa por constantes transformações linguísticas. Como é sabido, o português de Portugal está sofrendo uma grande influência do português d'Angola devido à convivência que os portugueses e os angolanos estão a ter.

O linguista Mwfuene (1996) aponta que, a visão que o colonizador traz sobre a sua língua ser o padrão, é algo que não se pode aceitar.

A ideologia da língua, enquanto um sistema politizado, desenha funções de projeto de poder colonial que através dela começa a existir a ação de negação e não valorização linguística (MAKONI e PENNYCOOK, 2007; NASCIMENTO, 2019). Por isso, diversos falantes de Angolês, assim como aqueles que têm como língua materna, acreditam que não sabem falar português corretamente, porque o modo como falam não segue as normas implementada pelos colonizadores. Além disso, os programas de ensino de português nas escolas do país seguem o padrão do português europeu, estabelecendo um modelo de língua que se distancia da língua falada, inclusive pela própria elite educada e urbana do país (SANTANA e TIMBANE, 2021).

Parto da perspectiva decolonial de que, língua certa – é falar língua que apresenta e representa a sua identidade linguística e língua errada – a negação dessa identidade e aceitação de falar uma língua padrão que adota um modelo distante da realidade local.

As letras das músicas de kuduro sendo, frequentemente, escritas no português d'Angola, se tornam um meio poderoso de disseminação e valorização dessa língua. Através da música, as peculiaridades do Angolês ganham visibilidade e aceitação, especialmente entre as novas gerações. Além disso, o uso desta língua nas músicas contribui para a preservação e evolução da cultura angolana em um mundo globalizado em via de padronização.

Como o Angolês incorpora palavras e expressões das línguas locais, refletindo a diversidade linguística e cultural, os vocabulários dessas línguas são comuns no dia a dia e nas produções culturais. Por exemplo, o título da música “*Tala*”, do grupo Elenco do Rangel, é um termo de origem Kikongo que significa *mina tradicional* e o termo *Nganga*, que pertence a mesma origem, significa *curandeiro*. As letras de kuduro utilizam palavras como essas, pois fazem parte do vocabulário linguístico do Angolês. Isso não só enriquece a língua portuguesa usada na música, mas também torna o kuduro como um veículo de preservação e valorização dos termos e culturas locais.

O Angolês, apresenta uma estrutura gramatical que difere das normas do português europeu e brasileiro. Por exemplo, o fenômeno de objeto direto e indireto do português europeu, como o uso de clíticos *o/a*, no português de Angola são trocados por *lhe* (NASCIMENTO e JOSÉ, 2023, p. 336). A partir disso se nota que o português de Angola não obedece às normas próclise, ênclise e mesóclise do PE pelo fato de que nas línguas Bantu não existe os pronomes clíticos (BERNARDO, 2017). Nascimento e José (2023) dão exemplos que iluminam isso:

PA:

- a) Eu *lhe* chamei
- b) Eu *lhe* vi / eu vi
- c) *Me* chamaram

PE:

- a) Eu chamei-*o*
- b) Eu *o* vi/ eu vi-*o*
- c) Chamaram-*me*

Resultado disso tudo é o contato contínuo com as línguas locais e da evolução natural da língua portuguesa em um contexto multicultural.

Como manifestação dessa realidade linguística na música, as letras de kuduro empregam essas estruturas gramaticais refletindo a maneira como o português é realmente usado pelas comunidades angolanas. Isso ajuda a legitimar essas estruturas como parte integrante da língua. Esse processo fortalece a identidade angolana e desafia as normas de linguísticas tradicionais, destacando a importância de uma abordagem decolonial na compreensão e valorização do português.

1.3. ENTRE A FALA E A ESCRITA: A DINÂMICA DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA

Como é sabido, desde sempre, a colonização portuguesa procura criar um pensamento de homogeneização sobre a língua estabelecendo uma norma linguística universal. A partir disso, parto do pressuposto de que, a escrita e a fala são dois fenômenos, que às vezes, se distanciam uma da outra.

O Português de Angola nunca será falado do mesmo jeito em todo território angolano, do jeito que nem todo mundo falará a própria língua de modo igual. Infelizmente, há um pensamento colonial dentro do ensino de língua portuguesa de quererem obrigar o aluno a decorarem as normas gramáticas do português europeu, algo que se distanciam do português local. E como forma de reforçar isso o estudante é obrigado a obter um sotaque dos portugueses, algo que é errado. Pois, fazendo isso, procura-se apagar a identidade linguística desse estudante.

Não existe uma maneira “certa” de falar português, se não for falar o seu próprio português. Pensar que o português europeu é a mais correta é inferiorizar os outros modos de falar o português dentro dos espaços da lusofonia.

O ensino da língua portuguesa falada em Angola deve refletir a realidade linguística do país. Bagno (2007) aborda que é necessário ensinar a escrever, porém, para que todos possam ler e entender, mas não se deve fazer isso tentando impor uma forma de falar padronizada e desconsiderando a daquela língua como errada, pois assim estaria a estigmatizar a identidade do falante (SANTANA e TIMBANE, 2021).

Os programas de ensino de língua portuguesa em Angola devem incorporar discussões sobre o português d’Angola nos currículos educacionais, visando desfazer a visão generalizada da língua como uma realidade homogênea. É igualmente essencial que os angolanos normatizem o seu próprio português e a ensinem nas escolas nacionais, o que ajudaria a combater o preconceito linguístico (Ibidem, 2021) e visão colonial.

O respeito à diversidade linguística é uma questão crucial para a preservação da identidade cultural de um povo. A imposição de uma norma padrão que não reflete a realidade local pode levar à marginalização de falantes de línguas, ditas, não padronizadas, criando um ambiente de exclusão e desvalorização das culturas locais. Isso se reflete no fato de que muitas

vezes os alunos se sentem desconectados da língua que aprendem na escola, por ser uma língua que não representa sua própria experiência e identidade linguística.

Além disso, é importante destacar que a língua é um fenômeno dinâmico e em constante evolução. O português de Angola, assim como outras línguas portuguesas, é resultado de séculos de interação cultural e adaptação ao contexto local. Essas interações enriquecem a língua e refletem a história e a cultura dos falantes. Ao valorizar e promover o português de Angola, estamos reconhecendo a riqueza e a sua diversidade linguística, e contribuindo para uma visão mais inclusiva e representativa da língua portuguesa.

Portanto, os esforços para incluir o português de Angola no currículo escolar não são apenas uma questão de justiça linguística, mas também de preservação cultural e de fortalecimento da identidade nacional. Ao ensinar e valorizar o português local, estamos capacitando os estudantes a se expressarem de maneira autêntica. Isso, por sua vez, pode levar a uma maior autoestima e a um melhor desempenho acadêmico, além de promover um ambiente de maior respeito e compreensão entre as diferentes comunidades linguísticas do país.

O ensino do português em Angola deve ser reformulado para refletir e valorizar a diversidade linguística do país. Ao fazer isso, estaremos não apenas preservando a riqueza cultural de Angola, mas também promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e representativo. É fundamental que o sistema educacional reconheça e celebre a diversidade linguística como uma força, e não como uma fraqueza, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

2. METODOLOGIA

Ao analisar o kuduro como um espaço de resistência linguística do português de Angola (Angolês), o estudo adota uma abordagem qualitativa e incorpora aspectos etnográficos visando descrever como parte da pesquisa realizada por um autor angolano. Esta abordagem permite uma compreensão mais profunda das expressões culturais e linguísticas dentro do contexto do kuduro.

O corpus deste estudo foi selecionado com base em critérios de relevância e representatividade. Foram escolhidas músicas que apresentam uma clara utilização do português de Angola, tanto em termos de vocabulário quanto em expressões idiomáticas. As

músicas selecionadas são: "De Faya" - Grupo Xtrubantu e Telma Lee, "Tala" - Elenco do Rangel e "Bico dos FAA" - DJ Naile, Pockey Cy e Pé Do Galo.

A coleta de dados envolve a transcrição das letras das músicas selecionadas. As letras foram obtidas a partir de gravações e vídeos musicais disponíveis em plataformas de streaming e redes sociais. As transcrições foram verificadas quanto à precisão e fidelidade aos textos originais cantados pelos artistas.

Esse cruzamento etnográfico, que integra a pesquisa, será utilizado neste trabalho exclusivamente para auxiliar na análise de dados com base nos termos empregados nas músicas.

Com base em Chizzotti (2006), acredito que as pesquisas em ciências humanas e sociais podem combinar diferentes métodos e procedimentos metodológicos. Por isso, apesar do caráter documental desta pesquisa, exponho-me como pesquisador através de meus conhecimentos (ANDERSON e GLASS-COFFIN, 2013). Neste estudo, optamos por cruzar nossas narrativas etnográficas (FORTES e FERRARI, 2021) porque entendemos que o caráter exploratório do trabalho se manifesta no nível documental.

2.1. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Olhando a questão de interferência linguística das línguas nacionais no português d'Angola/Angolês, procuro analisar detalhadamente as letras de kuduro para ilustrar pontos sobre resistência linguística e cultural, para isso analiso o remix da música "De Faya" do grupo Xtrubantu e Telma Lee, assim como a letra da música "Tala" do Elenco do Rangel, e a música dos kuduristas DJ Naile, Pockey Cy e Pé Do Galo com o título "Bico dos FAA".

Após escolher as músicas, uso a minha consciência linguística enquanto angolano para fazer o reconhecimento de termos utilizados pelos grupos de kuduro. Começo por analisar as palavras "**taco a taco, curibotas e lombucho**" presentes na música "**De Faya**" do grupo Xtrubantu e Telma Lee, como transcrevo a seguir:

...taco a taco, sou bom de espuma
Em equivalência, aguento o barulho
Tou presente no Remissi
Faço rajada e sou porcarulho
Num te disse? Sou porcarulho
pra deixar cair as curibotas
Cuidado, que eu vou vos batu

Eu também saí do gueto
 No Xtrubantu só tem fofucho
 No mandamento, matamos bruxo
 E estou disposto a romper lombucho
 (XTRUBANTU, 2016)

A letra da música citada, “**De Faya**”, incorpora expressões típicas do português falado em Angola, refletindo a rica mistura linguística e cultural do país. Essa frase “**taco a taco**” é amplamente usada no português de Angola para substituir o verbo desafiar ou enfrentar, por exemplo, “quem pode vir taco a taco comigo?”, que no português de Brasil seria “quem pode me desafiar ou enfrentar?”. A outra palavra é “**curibotas**” que significa fofoqueiros. Essa é uma palavra típica do Angolês que revela a criatividade lexical influenciada pelas línguas locais. Todas essas expressões refletem como o português em Angola é enriquecido com construções locais.

Para além do português de Angola receber influências das línguas angolanas, também recebe do Lingala, uma das línguas Bantu falada no Congo. E dentro do processo de aportuguesamento temos a palavra “**lombucho**” que significa dinheiro e deriva do termo “**lombogo**” da língua Lingala que também tem a mesma significação.

No trecho a seguir, que pertence a mesma música, pode-se notar a presença de construção frásica “**deixo bwede wi debandado**” e de palavras como “**mô e buba**”, como copio a seguir:

...deixo bwede wi debandado
 Padilobra, tropa treinado
 Estudar é coisa muito faine
 Mô Dadoxú, controla o time
 Está a vir caricopeh, escuta o alarme
 Nessa noite, eu vou calibrar
 O mô Buba sempre a vibrar...
 (XTRUBANTU, 2016)

A construção frásica como essa “**deixo bwede wi debandado**” (que significa no PB, deixo muita gente admirada) é bastante comum no português de Angola, pois representa o tipo de termos e expressões frequentes no Angolês que foge, totalmente, do português europeu ou brasileiro.

Dentro daquilo que é o pronome possessivo (meu) na Língua Portuguesa, no Angolês é frequentemente utilizado o termo “**mô**” para se referir a posse. E já como substantivo concreto das palavras telemóvel/celular é usada a palavra “**buba**”.

Ao escolher analisar a música “**tala**”, do grupo de kuduro Elenco do Rangel, é importante entender o contexto cultural e linguístico que o termo envolve. "Tala" significa “mina tradicional” e a palavra surge da língua Kikongo, tal como já disse acima.

Dentro da letra da música é possível encontramos o termo de origem Umbundu “**kupapata**” que significa “motocicleta com carroceria” e “**balumuka**”, de origem Kimbundu que significa “levantar” e esse termo é usado para se referir a um dos bairros da cidade de Luanda.

...corre, corre tipo tupuka,
tô dá mbaia Kupapata
Tentaram vi com história,
mas nós trouxemos geografia
kazukuta isso é balumuka...
(RANGEL, 2022)

Continuando com as análises, a música de título “Bico dos FAA” dos kuduristas DJ Naile, Pockey Cy e Pé Do Galo. Conseguimos ver, conforme destaca o trecho da música “quando o assunto é kuduro sou nganga...tipo marimba reco-reco...” (NAILE et al, 2019), a utilização da palavra “**nganga**” que significa “curandeiro”, uma palavra de origem Kikongo, como já foi apontado acima, e que é muito usado no português d’Angola. Enquanto a palavra “**marimba**”, que também é usada, é de origem Kimbundu e significa “instrumento de toque semelhante ao xilofone”.

Nota-se que o kuduro ao utilizar o português de Angola e incorporar expressões (taco a taco, curibotas, lombucho, tala, kupapata, balumuka, nganga, marimba e outros), não apenas preserva a diversidade linguística do país, mas também a exalta. Essa prática subverte a hegemonia do português europeu e promove uma maior valorização dessa língua, refletindo assim as realidades culturais e sociais de Angola.

O português de Angola, conforme evidenciado pelas letras de kuduro, é um exemplo vívido de como a linguagem pode ser um campo de resistência e de preservação cultural. A interferência linguística das línguas nacionais no Angolês não apenas enriqueceu a língua, mas também reforçou a identidade cultural angolana em um contexto global. O kuduro, com suas

raízes profundamente plantadas nas experiências e na linguagem do povo angolano, continua a ser uma forma poderosa de expressão e resistência cultural. Através desta fusão linguística, os angolanos não só comunicam suas experiências únicas, mas também mantêm vivas as tradições e as identidades que os definem. A partir disso podemos olhar a identidade linguística de um português que foge daquilo que são as normas europeias que refletem até hoje o ensino das escolas angolanas.

O kuduro como espaço de resistência linguística do português de Angola destaca sua importância na valorização e preservação da cultura e identidade angolanas. Ao resistir à homogeneização cultural e celebrar a diversidade linguística, o kuduro continua a ser uma expressão vibrante e dinâmica da cultura angolana, oferecendo um vislumbre das complexidades e riquezas de uma nação em constante transformação.

O kuduro, portanto, desempenha um papel crucial na construção e reafirmação da identidade cultural angolana. Ele cria um espaço onde as normas linguísticas podem ser desafiadas e redefinidas, celebrando a adaptabilidade e a riqueza do português de Angola e das línguas nacionais. Além disso, ao abordar temas sociais e políticos, o kuduro torna-se uma forma de ativismo, inspirando mudanças e promovendo a consciência social.

A popularidade do kuduro no cenário internacional legitima ainda mais o português de Angola e as línguas nacionais, contribuindo para uma maior visibilidade e reconhecimento da riqueza linguística de Angola. Este reconhecimento internacional é fundamental para a valorização e preservação da identidade cultural angolana em um mundo cada vez mais globalizado, ou seja, padronizado.

The kuduro as a space of linguistic resistance portuguese from Angola: Angolês

ABSTRACT:

Kuduro, as a musical and dance style, serves as an important cultural and identity manifestation, occupying a relevant space in Angola's social and cultural life. Its development and prominence are deeply connected to the country's recent history, characterized by conflicts, socio-economic changes and the evolution of Angolan Portuguese. Based on this, I try to analyze and understand how kuduro contributes as a space of linguistic resistance to Angolan Portuguese. To do this, I

adopt a qualitative approach and incorporate ethnographic aspects to analyze how kuduro contributes to the valorization of this language. The corpus was selected based on criteria of relevance and representativeness, including songs that clearly use Angolan Portuguese. The songs analyzed are "De Faya" by the group Xtrubantu and Telma Lee, "Tala" by Elenco do Rangel, and "Bico dos FAA" by the kuduristas DJ Naile, Pockey Cy and Pé Do Galo. I collected expressions and phrases that are part of Angolan Portuguese. The conclusions show that words and expressions from Angolan Portuguese have always been present in kuduro. As the centuries go by, this style of music will serve as a form of cultural resistance, keeping traditions and linguistic identities alive through music.

KEYWORDS: Kuduro. Angolês. Music. Resistance. Valorization. Ethnographic

REFERÊNCIAS:

- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, vol. 7 n. 2. p.7-33, 2001.
- ANDERSON, L.; GLASS-COFFIN, B. I learn by going: Autoethnographic Modes of Inquiry. In: JONES, S. H.; ADAMS, T. E.; ELIS, A. C. **Handbook of Autoethnography**. Abington: Routledge, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007
- BERNARDO, E. P. J. Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. **Revista Internacional Em Língua Portuguesa**. Lisboa, vol. 4, nº 32, p.39-54, 2017.
- BRINGEL, Maria Manuel da Costa. **Kuduro, flamengo e rap: identidades culturais salientes num contexto escolar urbano**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 1998.
- CAIO, Manoel Sotero. **Cumbia villera, Kuduro e Technobrega: repercussões e repertórios dinâmicos das cenas musicais**. Trabalho apresentado no XXIV Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia. Np. Santiago, Chile, 2013.
- CANCLINI, Néstor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- DAVID, Makosa Tomás; NASCIMENTO, Gabriel. As influências das línguas Bantu no Português do Brasil: origens e trajetórias rumo ao Pretuguês, **Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos**, Redenção-CE, v. 07 n. 1, p. 7-20, jan./jul. 2023.
- DAVID, Makosa Tomás. As línguas angolanas: resistência e a cosmovisão do poder angolano no mundo, **Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos**. Redenção-CE, v. 07, n. 02, p.07-21, 2023.
- FARIA, Debora Costa de. Narrativas musicais contemporâneas entre o local e o global: os casos do funk brasileiro e do kuduro angolano, **Cadernos de Arte e Antropologia** [Online], Guarulhos, Vol. 7, No 1. p. 27-46, 2018.
- FORTES, L.; FERRARI. Agency and Subjectivity in Pandemic (Neoliberal) Times: A Duoethnographic Study. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, n. 2, p. 371–398, abr. 2021.
- HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**. Textos didáticos. São Paulo–SP: IFHC/Unicamp, 1998.

- MACHADO, Luís Machado. Luso-africanos em Portugal. **Revista Sociologia: Problemas e Práticas**. n. 16, CIES/ISCTE, Lisboa, p. 111-134, 1994.
- MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. Disinventing and (Re)constituting Languages. **Critical Inquiry in Language Studies**, September 2005.
- MARCON, F. **O kuduro como expressão cultural da juventude de imigração africana em Lisboa**. XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba (PR) GT24 - Sociologia da Cultura, 2011.
- MARCON, Frank; Tomás, Cláudio. **Kuduro, juventude e estilo de vida: estética da diferença e cenário de escassez**. Tomo (UFS), pp. 137-167, 2012.
- MARCON, F. O kuduro, práticas e resignificações da música: cultura e política entre Angola, Brasil e Portugal. **Hist. R.**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 377-397 jul. / dez. 2013.
- MARTIN, B. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- MOORMAN, M. Anatomy of Kuduro: Articulating the Angolan Body Politic after the War. **Afr. stud. rev.** 57 (03), p. 21–40, 2014.
- MUFWENE, S. The Founder Principle in Creole Genesis. **Diachronica**, v. 13, p. 83-134, 1996.
- NAILE, DJ; CY, Pockey; GALO, Pé do. Bico dos FAA. YOUTUBE, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yHm721p8hho>>. Acesso em: 2024
- NASCIMENTO, E. **O português de Angola: entre o colonialismo e a resistência**. Luanda: Editora Kilombola, 2019.
- NASCIMENTO, G. JOSÉ, J.J. Em defesa do Português de Angola, O Angolês. In: OLIVEIRA, Fábio Araújo; ALMEIDA, Gilce de Sousa; CONTINHO, Ilmara Valois Bacelar Figueiredo. (Org.) Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 323-347.
- NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- RANGEL, Elenco Do. **Tala**. YouTube. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RJiJDFEqhtk>>. Acesso em: 2024
- ROSALES, Marta, et. al. Crescer Fora D'Água?: expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na Região Metropolitana de Lisboa. **Estudos Observatório da Imigração**, Lisboa, n. 37, Alto Comissariado para Imigração, 2009.
- SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; TIMBANE, Alexandre António. Considerações sobre o português angolano e o preconceito linguístico em Angola. **Letras em Revista**, Teresina, v. 12, n. 01, jan./jun. 2021.

TOMÁS, António. **Harnessing the energia of kuduro and its infrastructure of circulation.** Trabalho apresentado no Makerere Institute of Social Research. Uganda, 2013.

XTRUBANTU. De **Faya.** YouTube. 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ugIkC49j1xk>>. Acesso em: 2024